

⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

NOTA DE APRESENTAÇÃO

«O Sagrado e o Profano» foi o tema que escolhemos para os volumes 8 e 9 da Revista de Historia das Ideias, de homenagem ao Professor José Sebastião da Silva Dias. Título de urna obra do historiador das religiões e antropólogo romeno Mircea Eliade, Das Heilige und das Profane, constitui, por assim dizer, uma questão-síntese que envolve uma complexa gama de problemas, passíveis de serem abordados em várias zonas do saber e através de métodos diversos. O historiador, o antropólogo, o sociólogo, o filósofo encontram aqui um vasto campo para as suas análises científicas e para as suas reflexões teóricas. No dizer do próprio Eliade, «O Sagrado e o Profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Estes modos de ser no mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem unicamente o objecto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos, e, por consequência, interessam não só ao filósofo mas também a todo o investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana».

O sagrado e o profano são, pois, dois modos de estar no mundo, descobertos pelo homem. Não têm existência real, distinta, nas sociedades míticas, onde o sagrado absorve toda a vida colectiva e toda a visão do mundo. Não teriam mesmo existência muito definida nas sociedades medievais do ocidente europeu. A conquista do profano corresponde afinal ao desenvolvimento de todo um processo cultural que arranca lá pelo século XIII ou ainda antes. O «nascimento do espírito laico (ou, talvez preferivelmente, de «laicização») — para utilizar*

a expressão de Georges de Lagarde — corresponde, na verdade, ao curso de formação de realidades novas no espaço cultural, político e institucional. A Ciência será afinal a descoberta da forma «profana» de analisar o mundo, a vida e o homem. O «Estado» será a forma política resultante de um processo complexo de «profanização» da sociedade. Os comportamentos vão assumindo um sentido profano. E as instituições, que não se concebiam fora do sagrado, alcançam a pouco e pouco o seu estatuto laico.

Será, porém, uma longa viagem. Com passos para a frente e passos para trás, com contradições resultantes da sobrevivência do sagrado ou do aparecimento de outras formas de sagrado. Maquiavel terá lançado a primeira concepção teórico-prática de um Estado concebido de forma laica? Mas não terá concorrido também para a hierofania do Estado? A Revolução Francesa afirmou-se como um processo de laicização do Estado; mas não caiu na «contradição» de ter pretendido criar uma espécie de «religião revolucionária», com as suas festas, o seu calendário «litúrgico» e até os seus «santos» e os seus «templos»? Comte recusou a metafísica, procurou constituir uma concepção sociológica «positiva»; porém, «contraditoriamente», não acabou por cair numa concepção de «religião de humanidade»? E que dizer das instituições que tão dificilmente conquistam o seu espaço profano, continuando a utilizar a simbologia do sagrado? Em particular aquelas que na sua origem estiveram profundamente ligadas ao «religioso» e ao «eclesiástico», como é o caso da Universidade. E a Ciência, especialmente as ciências sociais, que dificuldade tiveram em conquistar o seu estatuto profano! Sobretudo a história, que, depois de se desembaraçar do sagrado teológico, se envolveu nos mitos dos heróis e dos acontecimentos nacionais. Mesmo a militância política, até a que envolve concepções marcadamente laicas, não supõe, em certos aspectos, sentimentos de natureza «religiosa»? O sagrado não é o mero domínio psicológico e mental; é também a esfera do ideológico. Digamos mesmo, não só na sua forma religiosa original, mas também e principalmente nas suas metamorfoses diversas, é uma das principais linguagens das ideologias.

Por tudo isto a oposição sagrado-profano já hoje talvez não assuma o carácter de dialéctica de transformação. E serão na verdade opostos o sagrado e o profano, ou serão apenas «diferentes» e «concorrentes»? Não será que o profano recuperou o sagrado? Humanizar volta a ser um conceito fundamental. Já não se trata de laicizar, porque laicizar pode significar sacralizar — trata-se antes de humanizar. De humanizar a Ciência e a Técnica, o Estado, as múltiplas instituições, a economia, os comportamentos, enfim a sociedade.

Não pretendemos apresentar um discurso filosófico sobre o sagrado e o profano. Como historiadores tão-só nos compete analisar o sagrado e o profano como fenómenos sociais. Mas, dificilmente seremos capazes de o fazer sem nos envolvermos no mundo complexo e rico das reflexões ou, pelo menos, das interrogações teóricas. Terminando, outra vez com Mircea Eliade: «Tema imenso, porque, como já dissemos, ele não interessa unicamente ao historiador das religiões, ao etnólogo, ao sociólogo, mas também ao historiador, ao psicólogo, ao filósofo».

*
* *

O Professor J. S. da Silva Dias tem sido, ao longo da sua vida, não só um historiador, mas também um filósofo, um político (como homem da pólis); tem sido um paciente e brilhante investigador e um interveniente; um teórico e um prático; um produtivo autor de inúmeros livros e artigos, dos mais diversos géneros e objectivos, e também um criador de instituições de cultura e de uma escola científica; um «humanista», afinal, no sentido moderno do termo. Cremos, pois, que nenhum tema se adequaria melhor à sua tão rica personalidade como este. Ele tem sido um historiador do sagrado e do profano, mas também um filósofo do sagrado e do profano e até um combatente do profano contra o sagrado (ou con-sagrado).

O Instituto de História e Teoria das Ideias, através da sua Revista, ambos obra sua, quiseram, assim, homenagear, da forma mais digna, a grande personalidade da cultura nacional, que o Professor Silva Dias constitui. Haverá melhor forma de o fazer que publicar dois volumes sobre um tema desta envergadura, tão da sua predilecção? Ao convite que foi dirigido, acorreram historiadores, filósofos, psicólogos, sociólogos, antropólogos. E, se nem todos puderam escrever os seus artigos, a grande maioria deixou expresso, de forma pessoal e sentida, o seu apoio. Outros escreveram-nos fora da área que constitui a temática central destes volumes. Em nome da Redacção, apenas desejamos afirmar que o nosso contributo constitui uma forma singela de concorrer para esta justa homenagem em que vivamente participamos mas que também, pelo seu significado, nos ultrapassa.

Luís Reis Torgal
Maria Manuela Tavares Ribeiro